

A MORTE E O ANTROPOS A PARTIR DE BLADE RUNNER

Ana Laudelina Ferreira Gomes - UFRN

A partir do filme “*Blade Runner: o caçador de andróides*”, dirigido por Ridley Scott, na verdade, faz-se aqui um recorte temático de reflexão, o da morte como problema antropológico fundamental, balizado por discussões teóricas trazidas pelo pensador Edgar Morin.

Nesse filme, Roy Batt, o líder dos andróides rebeldes, vai ao encontro de Tyrell, seu criador, poderoso dono de uma mega organização produtora de andróides pela via da engenharia genética aliada à robótica. Nesse encontro, é o fantasma da morte iminente que busca ser exorcizado. Segue o diálogo entre Roy e Tyrell.

- Criador: Não sei como você não veio antes.
- Roy (andróide): É difícil encontrar o criador. O criador conserta o que faz?
- Criador: Você quer ser modificado?
- Roy (andróide): Pensei em algo mais radical.
- Criador: Qual o problema?
- Roy (andróide): Morte.
- Criador: Temo que esteja fora de minha jurisdição.
- Roy (andróide): Quero viver mais, pai!
- Criador: Coisas da vida!

Roy se indigna com as explicações do criador e, sabendo-se sem chances de prolongar sua vida, mata seu criador com as próprias mãos. Em seguida, vai ao encontro da andróide Pris, seu par romântico, quem, além de Roy, é a única do grupo rebelde que até então não havia sido “removida” pelo caçador. Mas a encontra morta. Começa então uma perseguição fatal ao caçador Deckerd, protagonista do filme. Quando o encontra, luta com ele e o desarma completamente; na luta entre os dois, deixa o caçador inteiramente debilitado para continuar lutando. Numa das

cenar finais do filme, Deckerd está nas mãos de Roy, que, pendurado no terraço do prédio, esteve prestes a despencar. É quando este inicia um diálogo com o caçador sobre a relação entre a vida e a morte.

– Roy (androide): Mexa-se, ou vou ter que te matar. Se não viver, não joga. Se não jogar, não vive. Que experiência viver com medo! Isso é ser um escravo!

Quando Deckerd não consegue mais se segurar na viga do terraço nas alturas, Roy o salva repentinamente puxando seu corpo para cima com uma das mãos, como uma parteira que puxa um bebê de dentro da mãe. O caçador fica completamente surpreso, pois é a segunda vez que sua vida é poupada por um androide, primeiro por Raquel – seu par romântico –, agora por Roy. O tempo de vida de Roy chega ao fim e, diante do caçador, com a chuva escorrendo sobre seu rosto e corpo, o filme sugere sua morte. Com a morte de Roy, Deckerd fica cheio de indagações sobre o ocorrido e sobre o sentido da vida.

– Deckerd (caçador): Não sei por que me salvou. Talvez, no fim, amasse a vida mais do que nunca. Não apenas a sua, mas qualquer vida, a minha vida. Só queria as mesmas respostas que queremos. De onde vim? Para onde vou? Quanto tempo viverei?

O recorte que se elegeu aqui é o da morte como experiência antropológica fundamental para se pensar a vida, tal como concebida pelo pensador Edgar Morin em sua célebre obra *O homem e a morte* (MORIN, 2005a).

Voltemos ao filme. Quando o androide Roy descobre que está prestes a morrer e nada pode fazer para impedir que isso aconteça, o espectro da morte fica em torno de si. Ela é vista como negatividade, pois se afasta da ordem, ela desordena e traz o desespero. Ele passa a sentir-se o espúrio, o degenerado, aquele que trouxe para dentro da ordem a desordem. Assim, pode-se conceber que nesse caso ser androide é viver uma existência de duplo, tal como as próprias representações sociais sobre a morte supõem. É ver na imagem do espelho, no espectro de sua própria sombra, no eco de sua própria voz o poder sobrenatural do viver com medo da morte iminente.

Para além do filme, com base na referência teórica que relacionamos a ele (MORIN, 2005a), a experiência de contato com a morte, seja ela real, seja

imaginária, aprofundaria o acesso aos mistérios mais profundos da psique humana e, por decorrência, à compreensão dos enredos erráticos da tragédia humana.

A histórica separação entre pensamento mítico-simbólico e pensamento lógico-racional (MORIN, 2005a) implicou a fragmentação do saber entre o homem e seus mistérios. Cada ciência tornou-o sob um aspecto peculiar e, de uno, o homem se tornou múltiplo. Uma proposta de resgatá-lo na sua inteireza sem perda da multiplicidade e diversidade de suas expressões culturais é fazer referência ao problema de nossa mortalidade. A morte pode ser tomada por nós como um meta-ponto-de-vista, para além das fragmentações disciplinares das várias ciências que sobre ela têm um discurso próprio. O tema da morte, por sua característica multidisciplinar, pode nos ajudar a construir um discurso científico não redutor a essa ou aquela disciplina, ou seja, um discurso que pense o homem na sua unidade, na sua universalidade, para além das singularidades culturais. A morte pode se colocar como ícone, já que é no horror da morte e no risco da morte que o homem afirma sua individualidade, sua realidade irreduzível frente à decadência da espécie, como sustenta Edgar Morin (2005a). E é nos conhecimentos humanísticos (filosofia, história, artes e literatura) e em seus dispositivos imaginativos (cinema, poesia, romance etc.) em que parece melhor se mostrar esse duplo entre razão e imaginação presente na ideia e nas concepções da morte. A partir de produções do cinema, vamos pensar um pouco na morte não somente como determinismo biológico, mas na morte como invenção cultural. Através dela, vamos pensar como os indivíduos e as sociedades se gestam frente à finitude da vida, ou de tudo que a ela dá sentido.

O que uma pesquisa social sobre o tema da morte em sua relação com o saber cinematográfico de *Blade Runner* pode nos trazer? Obviamente, a ciência não se coloca como solução para o problema inevitável da morte, mas precisa perspectivar-la como uma dimensão fundamental na compreensão do quanto a cultura pode se fechar para o novo, marginalizando, asseptizando, destituindo de significação tudo que é desviante, tudo que não se encaixa em seus estreitos limites, assim como a cultura pode proceder a uma “morte social” de tudo aquilo que não aceita como ordem. Edgar Morin (2005a) defende que o estudo da morte nos leva a tudo que ela pode nos dizer da vida, de como vivemos, da importância que damos

a cada coisa. Para chegarmos a essa compreensão, são os dispositivos imaginativos que nos permitem uma maior amplitude de leitura. Morin acredita na possibilidade histórica de construirmos uma ciência reformada que se religue a esses diferentes saberes, amplificando sua compreensão do humano e da vida em sociedade. Afinal, ressalta o autor nessa e em outras obras, não somos somente razão (*homo sapiens*), mas também mito, imaginação, simbolismo (*homo demens*), somos *homo sapiens demens*, muito embora desde suas origens, há pouco menos de cinco séculos, a ciência moderna vem tentando negar esse outro lado do humano, buscando consolidar uma racionalidade que exclui a pertinência de saberes não submetidos à sua lógica “racional” (MORIN, 2005b, 2009).

Síntese de nossas reflexões aqui: o filme *Blade Runner* pode nos levar a refletir sobre a morte como um dos problemas fundamentais do *antropos*, fonte chave do imaginário social, como um problema antropológico fundamental. O filme nos conduz a pensá-la como o próprio desvio, indeterminação, acaso, por mais que ela se configure como uma determinação biológica da espécie humana, o que se baseia na ideia de que o estreito contato com a morte (real ou imaginária) faz com que o sujeito vivencie o imponderável, a incerteza, a fatalidade, enfim, na imagem do duplo que a morte liberta, o sujeito abra um leque de múltiplas rearrumações do pensamento que lhe atualiza o potencial de criação. A morte se coloca como um ícone da complexidade do real e da necessidade de complexificarmos a forma de pensarmos o real construído por nossas ideias, por nossas ciências disciplinares. Ela é, por exemplo, uma possibilidade de objeto de estudo da ciência, mas que não consegue ser tratada adequadamente somente dentro dos estreitos limites de uma ou outra disciplina, pois traz em si várias dimensões: biológica, social, cultural, simbólica etc. Para pensá-la nessa perspectiva complexa, não podemos cindi-la em natureza e cultura, mas trabalhar com ambas as dimensões de forma aliada, rejuntada. A natureza se presentifica na morte pela imposição da determinação mesma de nossa mortalidade, mas também pela religação imaginária e simbólica que seus ritos, suas crenças, seus mitos, suas concepções fazem ligação entre o indivíduo e a espécie¹.

¹ Essa linha de pensamento encontramos em duas teses de doutorado por nós orientadas (MEDEIROS, 2015; MELO, 2012).

A articulação dessas ideias de Morin ao filme se nos apresenta como uma possibilidade de religação dos saberes científicos e humanísticos, como possibilidade de experimentações de reforma do pensamento, tal como nos ensina o teórico que a inspira (MORIN, 2005b).

REFERÊNCIAS

MEDEIROS, Genison. **Imaginários da morte**: poética das imagens em cemitérios brasileiros. 2015. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015.

MELO, Evaneide Maria. **Álbuns fotográficos de/por Enoque Neves**: uma poética visual. 2012. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012.

MORIN, Edgar. **O homem e a morte**. Lisboa: Publicações Europa-América, 2005a.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita**: repensar a reforma: reformar o pensamento. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005b.

MORIN, Edgar. **Educação e complexidade**: os sete saberes e outros ensaios. Organização Maria da Conceição de Almeida e Edgard de Assis Carvalho. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

Resenha recebida em: 05/05/2015